

NIETZSCHE, Friedrich — **Sur l'avenir de nos établissements d'enseignement**. Texte établi par Giorgio Colli et Mazzino Montineri. Traduit de l'allemand par Jean Louis Backès. Paris, Gallimard, 1973 (154 p.).

NIETZSCHE E A EDUCAÇÃO

MYRIAM XAVIER FRAGOSO

O interesse pela obra de Nietzsche é crescente. Volta-se com avidez ao seu pensamento ⁽¹⁾. Nesse clima, a recente divulgação de alguns escritos sobre a educação e o ensino, em língua francesa, suscita a perturbação, já suficientemente experimentada, diante de outros trabalhos do filósofo. É de se esperar que os meios acadêmicos reajam diversamente. O que muito honraria ao próprio Nietzsche.

A literatura pedagógica contemporânea é bastante marcada pelo pragmatismo. A reflexão de Nietzsche — *Sobre o Futuro dos Nossos Estabelecimentos de Ensino* — situa-se na direção contrária. O rigor, a coerência e a liberdade são característicos opostos aos das posições utilitaristas. A reflexão nietzscheana sobre a educação não se exime das suas últimas conseqüências. A ambigüidade historicista não encontra guarida na mensagem, nos pressupostos ou no procedimento filosófico de Nietzsche.

O jovem e famoso professor Nietzsche pronuncia, em 1872, Na Universidade de Basileia, uma série de conferências, sobre os estabelecimentos de ensino ⁽²⁾. O tema proposto era parte de um projeto mais amplo. Nietzsche revela a sua intenção de publicar um livro, utilizando os elementos dessas conferências. Pretendia dar uma forma superior, a esses escritos de circunstância ⁽³⁾. O seu objetivo expresso era forçar uma

(1) Sob o título *Nietzsche Aujourd'hui?*, a Union Générale D'Éditions, Paris (1973), publicou os temas e debates do Colóquio Internacional de Cerisy, realizado em julho de 1972. O conjunto é representativo da atualidade do pensamento do Nietzsche.

(2) A imensa repercussão da *Origem da Tragédia* justificava as expectativas do público de Nietzsche.

(3) Carta de Nietzsche a Wagner, datada de 25 de julho de 1872.

reflexão crítica, sobre problemas da cultura, da educação e do ensino. Algumas referências da época testemunham uma surpreendente repercussão ⁽⁴⁾. O próprio Nietzsche afirma que as conferências haviam suscitado reações de entusiasmo, emoção e ódio ⁽⁵⁾. Tece considerações sobre a perturbação do acadêmico auditório, cancelando as duas últimas conferências. Um filólogo melindrado já havia investido, recentemente, contra Nietzsche, a propósito de replicar a *Origem da Tragédia* ⁽⁶⁾.

Não seria abusivo supor a repetição de reações semelhantes, na hipótese de transposição dos argumentos do filósofo para o presente. As condições econômicas e sociais, do momento refletido, aprofundaram-se. A produção de excedentes já determinava o que chamaríamos, hoje, de ideologia cultural. Nietzsche denuncia o caráter irracional e suicida da imposição econômica e do capitalismo industrial. O homem moderno estava esmagado e iludido por falsas necessidades, justificadas por uma falsa cultura. A cultura e o homem modernos eram reflexos do que Nietzsche identificava como a barbárie do século XIX. A sua crítica aponta o Estado moderno, como mentor e vigia armado da barbárie. A concepção hegeliana do Estado servia, perfeitamente, aos mesmos fins. A falsa cultura jornalística e o Estado progressista estavam aliados, com vistas aos seus próprios interesses. O jornal e o jornalista eram os símbolos máximos da época moderna, segundo Nietzsche.

O problema da produção de excedentes ligava-se ao da distribuição. O Estado assumia a tarefa de distribuição da cultura. As imposições de ensino, comandadas pelo Estado, eram meramente reflexas. Nietzsche considerava essa distribuição da cultura tão ilusória quanto a da riqueza e a do lucro ⁽⁷⁾. Constatava a destruição dos estabelecimentos de ensino da autêntica cultura alemã. A barbárie da pseudo-cultura ditava a sua pseudo-educação. Os estabelecimentos de ensino reformados perdiam a finalidade original e transformavam-se em estabelecimentos de ensino, para a miséria de

(4) Por exemplo, a de Jacob Burckhardt.

(5) *Correspondência V*, 224, apud Andler.

(6) Which von Willamowitz Möllendorf refutou a nova filosofia proposta na *Origem da Tragédia*.

(7) As condições irracionais da produção, da distribuição e do consumo ditavam a multiplicação automática do número de ginásios e de universidades.

viver ⁽⁸⁾. O ginásio e a universidade haviam perdido os seus vínculos com o “ser” da Alemanha: o espírito da Reforma, da Música e da Filosofia. Recuperá-los, dependeria da identificação do que havia de específico, nessa barbárie do século XIX. O jovem filósofo assume o papel de arauto. As conferências sobre o futuro dos estabelecimentos de ensino serão o ponto de partida para a identificação proposta. As tendências errôneas de ensino são pedras de toque, indispensáveis, para o exame das condições da cultura e do próprio homem moderno.

Dois discursos, distintos e independentes, precedem as cinco conferências. O primeiro é uma introdução ao tema; a tese de Nietzsche é introduzida no final, articulando-se diretamente com a primeira conferência. De permeio, o autor insere uma digressão, sem relação direta com o tema. No discurso introdutório, os defeitos do título — *Sobre o Futuro dos Nossos Estabelecimentos de Ensino* — são mencionados. A imprecisão, a obscuridade e a falta de virtude persuasiva, são óbvias. A manutenção dessas falhas retóricas passa a ser justificada. Paradoxalmente, os perigos da abreviação são menores, graças à obscuridade.

Os limites do objeto de reflexão excluem quaisquer considerações sobre os estabelecimentos de ensino da cidade de Basileia. Em primeiro lugar, por tratar-se de um particular. Além disso, o autor confessa-se ignorante, desligado e impotente, diante do mesmo. Em face da reconhecida ação de ensino da cidade, prefere solicitar a reflexão dos seus cidadãos. Quanto mais se faz, mais se deve pensar ⁽⁹⁾. O mesmo procedimento de exclusão repete-se, em seguida, com respeito às instituições escolares de outras nações. O critério comparativo é rejeitado, por gerar inevitáveis juízos de valor. “A priori”, os estabelecimentos de ensino da Alemanha jamais seriam ultrapassados por quaisquer modelos estrangeiros. O tom de ironia é motivado pelo fato de serem as modernas escolas alemãs, admiradas e exaltadas. O objeto único da reflexão são os estabelecimentos de ensino da Alemanha: as escolas primárias, as escolas técnicas, o ginásio e a universidade. O ponto de partida é a definição das instituições com-

(8) A formação de quadros especializados, para a indústria e para o serviço do Estado, requeria a substituição da finalidade da formação para a cultura clássica.

(9) Nietzsche, Friedrich — *Sobre o Futuro dos Nossos Estabelecimentos de Ensino*. Paris, Ed. Gallimard, p. 16.

preendidas como escolas. Primordialmente, as escolas são traços vivos da cultura; por outro lado, são lugares onde se adquire a cultura. As autênticas escolas são elos entre o patrimônio do povo e o presente. A formulação tem força de premissa. Nietzsche nega-se a tratar o futuro das escolas, sem a necessária retomada do espírito que as originou ⁽¹⁰⁾. Aí se encontra a razão de ser dessas instituições. De outro modo, os estabelecimentos de ensino são instituições referidas a uma determinada cultura.

Com base nos pressupostos afirmados, as modificações em curso, nas escolas alemãs, eram errôneas. Cortavam-lhes as autênticas raízes. Escolas modernas e atuais eram absurdos inadmissíveis. As escolas podem ser renovadas e purificadas. Mais precisamente, Nietzsche as deseja, ao mesmo tempo, novas e velhas. Os estabelecimentos de ensino da Alemanha exigiam um renascimento, ao invés de transformações.

Falar do futuro autoriza a profecia. Uma presunção suspeita e comprometedora introduzir-se-ia nas intenções rigorosas do exame. No entanto, seria ridículo que Nietzsche negasse o seu desejo de profetizar. E propõe, audaciosamente, a legitimação do tom de oráculo, mediante a utilização de um procedimento aceitável. Falará do futuro, com base nas definidas tendências do presente ⁽¹¹⁾. Os estabelecimentos de ensino sofriam as imposições das tendências culturais da época, perfeitamente identificáveis. A reflexão que se propõe coloca, ainda, uma opção de método: partir dos problemas da cultura alemã para uma crítica dos meios e métodos educativos e de ensino. O futuro dos estabelecimentos de ensino dependia do futuro da cultura alemã.

O fundamento cultural dos métodos de ensino do presente deveriam ser questionados. Nietzsche antecipa uma resposta à demonstração. Os métodos de ensino do momento, preconizados pela pseudo-cultura, eram anti-naturais. A natureza seria portanto a sua primeira grande aliada, no combate em favor de autênticos estabelecimentos de ensino, para a verdadeira cultura. Os métodos em questão arrastavam cegamente os desvios e pontos fracos da pseudo-cultura. As transformações de ensino deixavam-no apavorado; não se sentia

(10) Id. *Ibid.*, p. 17.

(11) Mais precisamente, refere-se às tendências da cultura alemã, na segunda metade do século XIX.

em uníssono com o partido dos homens que marchavam com a época moderna.

A vivência do quotidiano de ensino do professor Nietzsche emerge no texto através de uma metáfora. A batalha passa a figurar a situação de ensino. É preciso lembrar que as transformações económicas motivavam, no após-guerra de 1871, debates e polémicas, em torno da cultura, da educação e do ensino. As escolas foram reformadas. Novas modalidades de ensino são criadas⁽¹²⁾. As finalidades dos estabelecimentos tradicionais sofriam redefinições.

O ginásio alemão era especialmente visado pelas reformas. Uma nova finalidade — formar para as ciências — substituiu a da formação clássica. Nietzsche a encara como uma imposição errônea. O combate sugerido deve repor a finalidade original, ameaçada de substituição.

De modo abrupto, o público de Nietzsche recebe o núcleo da sua mensagem. “Eis a minha tese: duas correntes, aparentemente opostas, igualmente nefastas quanto aos seus efeitos, e finalmente reunidas em seus resultados, dominam hoje os nossos estabelecimentos de ensino, inicialmente fundados sobre outras bases. De um lado a tendência à extensão da cultura e de outro lado, à sua redução e enfraquecimento”⁽¹³⁾. A segunda tendência transformaria a cultura, de soberana, em serva do Estado. Uma terceira alternativa havia surgido, como réplica às duas tendências indicadas. Segundo Nietzsche, tratava-se de uma saída bem alemã. A tendência à limitação e à concentração, como política de reforço, dominava certos meios eruditos⁽¹⁴⁾. Por enquanto, o conferencista não entrará no seu mérito. Prefere manter a esperança, noutra alternativa. Ampliação e redução são contrárias à natureza. A concentração da cultura num pequeno número de homens é lei necessária e verdade geral⁽¹⁵⁾.

(12) Paralelamente ao liceu clássico (“Gymnasium”) fundaram-se colégios modernos (“Realschule”) e muitos tipos de escolas técnicas. A universidade e o liceu clássico acompanharam as novas tendências, acolhendo as línguas modernas e as ciências.

(13) Nietzsche, Friedrich — op. cit., p. 19-20.

(14) Na sua obra *De Hegel à Nietzsche*, Karl Löwith especifica-baseando-se no texto original de Nietzsche — dois aspectos, na réplica dessa terceira alternativa: o de concentração e precisão e o de força e autonomia.

(15) Nietzsche, Friedrich — op. cit., p. 20.

O auditório é informado da necessidade de interrupção do discurso sobre as tendências da pseudo-cultura do século XIX. O autor anuncia uma digressão. O novo assunto não se relaciona com o tema das conferências. Trata-se de um apelo dramático, do autor Nietzsche, aos seus conjecturais leitores. O seu livro *Sobre o Futuro dos Nossos Estabelecimentos de Ensino* exigirá um leitor dotado de três qualidades. Ser calmo, não exigir um quadro de resultados e não se interpor à mensagem. Com respeito ao quadro de resultados, deixa bem claro que não pretende apresentar sugestões de novos horários ou de novos programas. Admira os professores que elaboram elegantes quadros e tabelas... O sarcasmo de Nietzsche volta-se para a cega adesão dos professores aos controles burocráticos. Os famigerados quadros não permanecem no texto somente como símbolos da intervenção estatal. Nietzsche vai muito além, especulando brilhantemente sobre a opção de procedimento da maioria de seus colegas. Muitos mestres eram capazes de ascender das profundezas da experiência, aos cumes dos verdadeiros problemas da cultura. Mas, inversamente, o autor prefere seguir o caminho oposto. Partirá dos cumes da verdadeira cultura, para os regulamentos mais secos e para os quadros mais elegantes⁽¹⁶⁾. Bem sabe que os apreciadores de quadros rejeitarão o seu livro. Para o estarecido auditório de Nietzsche, como para muitos mestres de hoje, e até para um ou outro “filósofo da educação”, o Estado progressista cuidava da cultura e racionalizava os serviços escolares. Em seguida, o filósofo o faz voltar à esperança da alternativa prometida. O combate em favor das autênticas escolas requer lutadores, homens desprendidos do tempo e do instante. Em um futuro muito longínquo, os guias de educação — homens graves e sérios — serão os legisladores da educação quotidiana. A educação e o ensino voltarão a formar para a autêntica cultura.

Até esse futuro, o filósofo vê, unicamente, a destruição dos estabelecimentos de ensino. As transformações do momento eram tão violentas e arbitrarias que “aos olhos do futuro, os atuais quadros parecerão restos de uma civilização lacustre⁽¹⁷⁾”. Os quadros do presente serão ainda traços da decadência da cultura alemã e da barbárie do século XIX. Numa ordenação rigorosa, Nietzsche situa na decadência da

(16) O empirismo ingênuo dos pedagogos progressistas é impiedosamente criticado por Nietzsche.

(17) Nietzsche, Friedrich — op. cit., p. 22.

cultura alemã, a decadência da escola, a do ensino e a da educação. Julga necessário combater para que os estabelecimentos de ensino voltem a atender — renovados e purificados — à autêntica cultura alemã. Nietzsche afirma uma única autêntica cultura. Ao longo das conferências, empenha-se na sua definição.

A exigência de um leitor calmo aparentemente é despida de importância para a demonstração da tese. Nietzsche a utiliza para uma excepcional e profunda análise da condição humana, na barbárie do século XIX. O homem moderno, ou o homem da época moderna, é um ser esmagado e iludido. Nietzsche deseja um leitor que não seja idólatra da sua época e que não se deixe esmagar ou iludir, por suas monstruosas engrenagens. O seu leitor deve dispor de tempo para meditar sobre os estabelecimentos de ensino; o tempo poupado ou o tempo perdido não devem ser calculados.

A última exigência é a denúncia de um dos defeitos intelectuais dos homens da época. Como critério e medida para todas as coisas, interpunham a cultura atual e a suas próprias pessoas. Nietzsche necessita de um leitor despojado de si mesmo e da sua época ⁽¹⁸⁾.

O seu livro é o arauto do combate pela autêntica cultura. A primeira tarefa a cumprir é a identificação do que há de específico nessa barbárie alemã ⁽¹⁹⁾. É importante distinguir o bárbaro do século XIX dos bárbaros de outras épocas. Finalmente, Nietzsche conclama o público a assumir um compromisso de combate, pela recuperação dos estabelecimentos de ensino da Alemanha.

Cada uma das cinco conferências de Nietzsche possui um tema central. Determinados objetos da realidade educativa e de ensino são captados como sintomas das tendências culturais. A vivência do quotidiano é de grande valor para Nietzsche. A particularização desses temas atende a uma análise demonstrativa. Permanece, como pressuposto fundamental, a afirmação de relações necessárias entre os fenômenos educativos e as formas de ensino, de um lado e uma determinada cultura, de outro lado. A redução desses temas particulares é de utilidade didática:

(18) Nietzsche assume um compromisso diante do leitor receptivo: falará pelo não saber e pelo saber do seu não saber.

(19) As transformações de ensino impostas ao liceu clássico eram verdadeiras pedras de toque para a identificação da barbárie do século XIX.

- 1.^a conferência — As relações entre a cultura e a educação.
- 2.^a conferência — O ginásio alemão como centro motor das tendências de todos os outros estabelecimentos de ensino.
- 3.^a conferência — Causas imediatas dos desvios de tendência do ginásio alemão.
- 4.^a conferência — Os duvidosos fins da educação e da cultura, sob o Estado cultural e o jornalismo.
- 5.^a conferência — A universidade alemã em ligação com o ginásio.

Uma narrativa autobiográfica inicia a primeira conferência. O recurso narrativo favorece também a “mise en scène” de um diálogo cujo protagonista é um filósofo. Nietzsche e um amigo são espectadores. A estruturação permite-lhe por discursos na boca de outros. Além disso, o campo fica livre para comentários, esclarecimentos e comunicações do conferencista ao público.

A composição literária do diálogo exige um razoável esforço do leitor. Os vôos metafóricos de Nietzsche revestem conceitos rigorosos. No estado de sonho da adolescência, fundara uma associação de estudantes. O modelo da organização fora sólido e coercitivo para estimular o exercício da literatura e da arte. O grupo deixava o ginásio e partia para a universidade. Os associados obrigavam-se a enviar, mensalmente, um trabalho: poema, partitura, projeto de arquitetura e outros. O regulamento previa uma confraternização festiva, anual. Por ocasião de um desses encontros, Nietzsche e um camarada afastam-se da barulhenta companhia. A floresta os atrai. Praticam o tiro de pistola, quando dois homens surgem e os agarram, com violência. O mais velho julgava tratar-se de um duelo. Desfeito o equívoco, separaram-se. Os tiros voltam a incomodar o ancião. Acusa os estudantes de perturbar e de impedir a Filosofia. Os jovens declaram-se amigos da Filosofia e militantes da cultura. Por essa razão, conservam-se numa disponibilidade gratuita. Recusam-se a pensar numa profissão. Bem sabem que as garras do Estado insistem em atrair os jovens para o serviço público. Os exames coercitivos da universidade eram uma preparação da docilidade, exigida pelo aparelho do Estado.

O discurso do ancião ao seu companheiro ecoa, em seguida, na floresta, despertando a atenção dos jovens. A na-

tureza, o crepúsculo, os sons da floresta, as luzes e as sombras e a visão do Reno dão uma dimensão fantasmagórica ao cenário do diálogo. O filósofo e o discípulo falam sobre os problemas da cultura e da educação. O companheiro do filósofo havia abandonado o seu posto de professor do ginásio. Os novos princípios e métodos de ensino eram incompatíveis com a sua concepção da cultura e da educação. O filósofo condena a evasão e acusa-o de pretensão e rigidez. Julgava-se capaz de seguir o caminho solitário da Filosofia. Por outro lado, não se modificara. “O mesmo caráter inteligível”, no sentido de Kant, continuava a dominar a sua concepção de cultura ⁽²⁰⁾. Certamente aderira à “pseudo-cultura atual” e acreditava na democratização dos direitos do gênio. Havia esquecido o princípio capital de toda cultura.

O discípulo defende-se. Abandonara o ginásio por desânimo. Não pretendia o caminho solitário do mestre. Faz questão de enunciar o princípio invocado: ninguém aspiraria à cultura, se soubesse, como é pequeno, finalmente, o número de homens verdadeiramente cultos ⁽²¹⁾. O privilégio desse pequeno número funda-se no movimento da grande massa, em direção à cultura. O movimento da massa é ilusório. Na verdade, ela luta em favor do pequeno número ⁽²²⁾. O professor reforça o argumento, acrescentando um dado. Os desvios de tendências da educação e do ensino buscavam justificativa num dogma da Economia Política. “O máximo de cultura e de conhecimentos possíveis para o máximo de produção e de necessidades possíveis, de onde, o máximo de felicidade possível” ⁽²³⁾. A utilidade é afirmada como o fim e o objetivo da cultura. Em outras palavras: “o lucro e o maior ganho possível de dinheiro” ⁽²⁴⁾. A educação deve formar homens atuais e correntes. Os homens devem ser correntes como a moeda é corrente. As escolas devem ter uma exata medida econômica dos conhecimentos dados a cada aluno. Essa medida é uma taxa individual, referida a outra mais geral: a do lucro e a da felicidade. A cultura atual reunira a inteligência e a propriedade. O lucro assumira a categoria de valor moral.

(20) Para Nietzsche, a crítica de Kant era insuficiente e falha. Em contraposição ao “princípio transcendental” de Kant, propõe uma crítica, a partir elemento genealógico da força (diferencial e genético), ou seja, da “vontade de poder”.

(21) Nietzsche, Friedrich — op. cit., p. 41.

(22) A ilusão era imposta à massa, por outras esferas, alheias aos seus interesses.

(23) Nietzsche, Friedrich — op. cit., p. 44.

(24) Id. *ibid.*

A cultura rápida antecipa o lucro. A cultura profunda — do sábio, especialista da ciência — permite um ganho maior.

O filósofo intervém, com a sua antevisão política, em tom profético: “a grande massa saltará um dia o grau intermediário e lançar-se-á, sem desvio, sobre a felicidade terrestre” (25). O que se denominava a questão social já fazia parte do futuro salto. A massa será, mais uma vez, ludibriada. A cultura não será universalmente distribuída. Na hipótese contrária — a da cultura de massa — a barbárie seria completa.

O discípulo julga que o Estado é bastante forte para subjugar um salto das massas, na direção sugerida pelo mestre. É por isso que as esferas da cultura, da educação e do ensino atraem o interesse do Estado. No mesmo jogo de poder do Estado está a rivalidade com outras nações. Os exércitos e o quadro dos funcionários públicos, essenciais ao poder do Estado, devem ser formados nos novos estabelecimentos de ensino. Um exemplo flagrante podia ser observado nos círculos eruditos. O sábio especializado da universidade passara a uma condição análoga à do operário de fábrica. A imposição da cultura de Estado o confinara numa única disciplina. A repetição das mesmas tarefas o mantém afastado dos problemas gerais da cultura. O fenômeno-sábio especialista — também assumiu caráter de valor moral. Aponta-se como uma nobre modéstia, algo que é decorrente do processo de divisão do trabalho, nas ciências. Em conseqüência, o jornalista assume o papel do sábio. É o mestre do momento. Ao contrário do sábio, que livraria do momento e do instante. O professor de ginásio perdia o seu trabalho pedagógico por causa do jornal, do romance folhetim e do livro do especialista. Os professores de helenismo já eram apontados como epicuristas imorais.

A segunda conferência retoma o impasse individual do professor. A experiência de ensino levava-o à descrença quanto aos resultados positivos da luta. O filósofo julga, ao contrário, que a anti-cultura tem os seus dias contados. O baixo nível da literatura pedagógica e a ação grosseira dos pedagogos “sobre a mais delicada das técnicas que possa existir numa arte, a técnica da formação” redundaria em catás-

(25) Id. *ibid.* p. 45.

trofe ⁽²⁶⁾. Fazia-se necessário assaltar e salvar o ginásio, segundo o filósofo.

Para Nietzsche, o ginásio é o centro motor de todos os outros estabelecimentos de ensino, inclusive da universidade. Os desvios e erros de tendência do ginásio repercutiriam, amplamente, sobre as demais instituições escolares.

O ginásio seria a pedra de toque da recuperação de ensino. No próprio âmbito desse estabelecimento, o ponto nevrálgico era o ensino do alemão. O núcleo de toda autêntica cultura é a língua materna. A pseudo-cultura havia afastado esse princípio pedagógico fundamental. O alemão jornalístico imperava. A recuperação do ensino de alemão exigia a volta incondicional ao “dressage” lingüístico. Do contrário, “o que será da educação formal?” ⁽²⁷⁾.

Através do discurso do filósofo, Nietzsche aprofunda a sua análise do ensino do alemão, até chegar aos aspectos didáticos. A etapa de desenvolvimento do aluno de ginásio exigia métodos contrários aos recentemente impostos. Alguns “slogans” da pseudo-cultura jornalística pretendiam fundamentar tais métodos. A liberdade, a autonomia e a expressão livre da livre personalidade do adolescente haviam gerado um monstro: a composição alemã ⁽²⁸⁾. O professor combatente deve proibir a expressão autônoma precoce. Admiti-la, necessariamente, redundaria na aceitação da má expressão. Ao contrário disso, o aluno deve refazer a composição até alcançar a melhor forma. Toda educação formal depende desse critério. Na mesma sequência de argumentos, o filósofo aponta outro lamentável equívoco, no ensino do alemão. Os novos métodos da filosofia tratavam o alemão como língua morta ⁽²⁹⁾. Daí advinha o desprezo pela prática viva, constante e rigorosa, da fala e da escrita. A crítica, a expressão original e a criação devem ser adiadas, para a etapa posterior à adolescência. Mas um equívoco dos ginásios reformados era a pretensão à cultura clássica. O que se pretendia com as transformações em curso era uma educação formal, para as ciências. A du-

(26) Para Nietzsche, a formação para uma determinada cultura impõe a prévia reflexão crítica sobre o sentido e o valor dos métodos de ensino.

(27) A educação diz respeito à finalidade da cultura clássica.

(28) A composição alemã admitiu a expressão autônoma do adolescente, deixando de acentuar as exigências da forma.

(29) A distorção comprometia a articulação entre o estudo da língua materna e o do grego e do latim. Os ginásios humanistas, fundados pela Reforma, haviam instituído esse modelo que Nietzsche julgava ameaçado.

plicidade de fins estabelecia-se. Decorrentemente, confundia-se o homem culto e o homem de ciência. Nietzsche propõe a reposição da finalidade de formação para a antiguidade clássica. As bases dessa formação seriam a língua materna e o “ser” da Alemanha. O ginásio fracassara por causa da incapacidade de estabelecer o elo entre o ensino do alemão e o das línguas clássicas. A derrota do humanismo e a vitória da erudição eram devidas, especialmente, a ação nefasta do ensino da filologia ⁽³⁰⁾.

Na conclusão, o filósofo afirma que o ginásio alemão de 1872 era um falso estabelecimento de ensino. Pretendia formar para a cultura, mas formava para a erudição. No final das contas, o ginásio não formava sequer para a erudição.

A terceira conferência articula-se com a segunda, através da retomada das relações entre a finalidade de formação para a Cultura Clássica e o ensino do alemão, no ginásio. Uma das causas da decadência de ensino decorria “das condições de produção” da massa de professores medíocres ⁽³¹⁾. A tendência à extensão da cultura ditara um número excessivo de universidades. O sistema produtor de excedentes respondia pela baixa qualidade do excedente de mestres, que crescia continuamente. O filósofo constata que o número excessivo de estabelecimentos, de alunos mal triados e de mestres, passara a ser visto como uma riqueza. E coloca a interrogação: “por quais leis, o número se transforma em riqueza”? O princípio capital de toda cultura afirmava o contrário. A verdadeira cultura exige poucas universidades. A expansão universitária provocava, também, um agravamento da miserável condição econômica dos professores. A fabricação de professores excedentes rebaixava, dia a dia, a condição profissional docente. Por outro lado, esses professores da miséria — recrutados na miséria e para a miséria — não podiam deixar de ter “a mesma altura de voo” dos seus alunos. A massa heteróclita de alunos não permitia um trabalho pedagógico aceitável. O filósofo não vê, nessa expansão, uma autêntica necessidade das massas.

(30) A tendência clássica da formação humanista alemã recusava a nova orientação para a erudição, mentora da introdução dos métodos históricos, genéticos e comparativos, no estudo das línguas clássicas. Pouco a pouco, esses métodos foram indevidamente aplicados ao ensino e ao estudo da língua materna.

(31) É bem claro o reconhecimento de um paralelismo entre o sistema de produção da sociedade e a produção em massa de professores. Em ambos os casos, o filósofo vê a criação de falsas necessidades.

O Estado cultural atuava também como mentor do que a pseudo-cultura exaltava como cultura popular. A cultura popular dirigida é mais uma imposição do Estado e da mentalidade jornalística. A verdadeira cultura de um povo — a verdadeira cultura popular — é medida pela posteridade, através de obras únicas de indivíduos que marcharam sozinhos. A preocupação do Estado, em dirigir e promover a cultura popular, havia sido correlata às medidas de escolarização primária compulsória. A escolarização compulsória, por sua vez, fora correlata ao recrutamento militar universal e obrigatório. O filósofo desconfia das intenções culturais do Estado militarista.

Nietzsche coloca em outros termos, a definição da cultura popular. Há uma relação entre a massa e a autêntica cultura. A massa é depositária das regiões profundas e inconscientes da religiosidade, do sistema poético das imagens míticas, dos costumes, do direito e da língua. Essas regiões não podem ser alcançadas, diretamente. As intervenções do Estado podem destruir a autêntica cultura popular. O Estado e os progressistas invertem as raízes da cultura popular, quando gritam ao povo: “sê vigilante! Sê consciente! Sê esperto!”⁽³²⁾. A geração do gênio será perturbada pela barbárie da cultura popular dirigida. O gênio emerge, nutre-se e amadurece no seio maternal e inconsciente da cultura de um povo. A função do povo é abrigar o gênio.

O discípulo duvida da justiça da metafísica do gênio, proposta pelo filósofo, porém, concorda plenamente com o mestre, sobre o problema do excesso de estabelecimentos de ensino superior e de ginásios. Os mestres eram pobres diabos que faziam o comércio com a antiguidade, por uma questão de sobrevivência. Os professores de filosofia são casos exemplares. Haviam esfacelado a Antiguidade e caído, alegremente, na lingüística. O filósofo observa que o domínio novo e indefinido da lingüística recebia a todos os mediócrs, de braços abertos. Justamente, era o professor de lingüística que se incumbia da Antiguidade. O curso de grego e latim fora criminosamente transformando num instrumento de introdução à lingüística. Exercícios comparativos substituíram a tendência clássica; a perspectiva historicista, genética e relativista confundia os gregos e romanos com os bárbaros.

(32) Nietzsche, Friedrich — op. cit., p. 81.

O filósofo considera que a ameaça militarista do modelo prussiano atingia a Alemanha, a partir da educação. O mais poderoso estado militar moderno dirigia a cultura e a educação. Certos privilégios militares recentemente concedidos aos alunos da universidade e dos ginásios eram provas dessa ameaça. Era sabido que o grande afluxo de estudantes, aos referidos estabelecimentos de ensino, fora provocado por esses privilégios militares, após a instituição do serviço militar obrigatório. O estado prussiano era o mistagogo da cultura, com vistas aos seus próprios fins. A filosofia hegeliana do Estado havia sido absorvida e posta em prática pela Prússia.

O modelo prussiano era anti-alemão. O autêntico ensino alemão não aceitaria ser guiado pelo Estado. Para o “ser” da Alemanha — o da Reforma, da Música, da Filosofia e do soldado alemão — a voz do Estado hegeliano era a voz do bárbaro ⁽³³⁾.

O professor finalmente decide voltar ao ginásio. O filósofo lembra que o combate pela verdadeira cultura não tem nada a ver com o combate pela redução da miséria de existir. O combate pela existência tem lugar no mundo da necessidade. A verdadeira cultura não é boa conselheira desse mundo. Na educação e no ensino a mesma fórmula permaneceria válida. Toda educação que indica no final um posto de funcionário, ou um ganha-pão qualquer, contraria a educação para a cultura ⁽³⁴⁾. Seria antes uma orientação do sujeito da educação, para o combate pela sobrevivência. Para a maioria dos homens, essa orientação é importante. O que se deveria propor para a solução de tal problema, jamais poderia servir à finalidade de preparação para a cultura. Em quais estabelecimentos de ensino deve-se formar para a cultura? O ginásio alemão deixara de atender à referida finalidade. O filósofo observa e acompanha, com o maior respeito, as experiências das escolas técnicas e das de ensino geral. O cálculo é aplicado às coisas técnicas, nessas escolas, com seriedade. As línguas de comunicação são bem aprendidas. Infelizmente, o Estado impusera a essas escolas certas semelhanças com o

(33) Sobre a oposição ao hegelianismo no pensamento de Nietzsche, vide Deleuze, Gilles — *Nietzsche et la Philosophie*. Paris. (1973), Presses Universitaires de France, Cap. V, p. 167-222.

(34) A argumentação de Nietzsche faz-se sobre a necessidade da existência de estabelecimentos de ensino para a finalidade da cultura. Não afasta a necessidade de reflexão sobre outros tipos possíveis de estabelecimentos de ensino, para atender à formação de profissionais e de técnicos.

ginásio. O ginásio não tinha a honestidade das escolas técnicas, em virtude da duplicidade de sua finalidade: a cultura clássica e a erudição. Os professores do ginásio não apreciavam devidamente as escolas técnicas, criticando o realismo que as inspirava. A ignorância dos termos filosóficos — realismo e real — era a única explicação para semelhantes juízos.

A contradição essencial estava no ginásio: estabelecimento de ensino para a miséria da existência ou estabelecimento para a verdadeira cultura?

Nietzsche interrompe o discurso do filósofo para informar o público, sobre o estado de espírito dos dois jovens universitários, escondidos nas proximidades da cena do diálogo.

Sentem-se perdidos e necessitam conversar com o filósofo, sobre os problemas da cultura alemã. As suas dúvidas são análogas às do jovem professor. Seus argumentos são típicos de tudo o que o filósofo, pejorativamente, intitula como “atual”. Os universitários crivam-no de perguntas. Entre a massa e os poucos homens cultos, não haveria infinitos graus intermediários? Onde começaria o que o filósofo considerava a verdadeira cultura? Como estariam separados as esferas da massa e a do pequeno número? Seria possível a criação de estabelecimentos de ensino somente para o pequeno número de eleitos? Os gênios não dispensariam as muletas da cultura e da educação? Lessing e Winckelmann haviam retirado algo da cultura alemã? E no caso de Beethoven, de Schiller e de Goethe? O reconhecimento do gênio seria um privilégio exclusivo das gerações posteriores?

Um acesso de cólera é a resposta do filósofo. Sente-se mal com os estudantes da universidade. Nada mais são do que reflexos da pseudo-cultura jornalística. Voltando pouco a pouco ao tom natural, mostra aos jovens duas únicas vias: da aceitação das tendências da época, ou a do combate às mesmas. A escolha da primeira via lhes proporcionará: a aceitação, os títulos e os aplausos de uma multidão, comandada por “solgans”. A outra opção os situará fora do tempo e do momento. A Alemanha da Reforma preparara longamente a época da criação. O ginásio era então um estabelecimento de preparação para a cultura e para a universidade.

Os jovens estão de pleno acordo, quanto à necessidade de estabelecimentos de ensino para a cultura.

A conversa é interrompida por uma melodia. Era o sinal combinado entre o filósofo e outro personagem, que se reunira ao grupo de jovens, na travessia do Reno. No intervalo, o filósofo atende a um pedido dos estudantes e do professor: falar sobre a universidade, visto que havia sido professor nessa instituição. O professor tem a certeza de que o mestre — como verdadeiro filósofo — transformaria esses problemas do quotidiano em verdadeiras pedras preciosas. Bem sabe que a universidade não podia pretender o lugar de centro motor do ensino. Um dos estudantes fala do que havia esperado do ginásio: a preparação para a universidade. O ginásio moderno formava para a autonomia, exigida depois, pela universidade. O exercício da liberdade e da autonomia eram essenciais. O seu companheiro relembra, timidamente, as opiniões do filósofo sobre a autonomia. As consequências para o curso de alemão eram negativas. No entanto, era preciso reconhecer as vantagens dos novos métodos. O aluno começa a andar sem muletas. É chamado a criticar e a escolher, desde cedo. A nova maneira de ler e de compor favorecia o caminho das ciências.

O filósofo ri diante do “belo exemplo de autonomia” do estudante. Para refletir sobre a universidade necessita fazer uma única pergunta. Como o estudante se liga à universidade? Unicamente pelo ouvido. Paradoxalmente, este ser autônomo, está umbelicalmente preso. Escuta e escreve, enquanto o professor fala. Em resumo, o método da universidade é uma boca que fala e ouvidos que escutam. E o método acroamático. Aí está o aparelho acadêmico da universidade. Um diz o que quer e os outros ouvem o que querem. Eis a liberdade acadêmica. Por trás dela, está o Estado vigilante, com cara de guarda. A finalidade do procedimento palavra audição é o Estado. A autonomia do estudante e a liberdade acadêmica não passam de ênfases, na opinião do filósofo. E oferece três instrumentos de medida para a avaliação dos heróis da autonomia (mestres e alunos):

- a necessidade da Filosofia
- o impulso para a Arte
- a Antigüidade

Nietzsche demonstra, em seguida, como o pseudo-liberdade e a pseudo-autonomia da livre personalidade, paralisam o movimento natural para a Filosofia, para a Arte, e para o espírito grego.

O tratamento genético, histórico e filológico invadira e destruíra os campos da Filosofia, da Arte e da Antigüidade. Não havia escrúpulos na universidade. Os filólogos fabricavam novas gerações de filólogos, para o ensino do ginásio. A Filosofia havia sido banida da universidade ⁽³⁵⁾.

A universidade alemã tornara-se um ambiente opressor, para aqueles jovens soldados que haviam trazido a vitória de 1871; reencontraram aí a barbárie contra a qual haviam combatido.

Tomando-se em consideração a evolução da crítica de Nietzsche, o trabalho *Sobre o Futuro dos Nossos Estabelecimentos de Ensino* pode ser relacionado ao conjunto de escritos sobre a Filologia e a Filosofia da historicidade. Essas preocupações situam-se a partir de 1870. São, portanto, contemporâneas à eclosão do novo Estado nacional. Num trabalho anterior, *A Cultura de Outrora*, Nietzsche refletira sobre a era de Bismarck, apontando a extirpação do espírito alemão, em proveito do império alemão, caracterizado como um monstruoso edifício de autoridade e poder. Entre a cultura do passado e a cultura do presente, o filósofo busca uma via de superação. Ao saber da pseudo-cultura jornalística e da ciência especializada, a educação e o ensino igualmente exigiam uma reflexão. A crítica realizada nesse âmbito, como toda a crítica nietzscheana da cultura é “antes de tudo, e no final de contas, uma crítica da forma contemporânea do humano” ⁽³⁶⁾.

(35) Nietzsche nega à universidade e aos seus professores o direito de tratar Filosofia, da Antiguidade e da Arte.

(36) Löwit Karl — *De Hegel à Nietzsche*. Paris, Editions Gallimard, (1969). p. 367.